

Imunologia & Doenças Infecciosas e Parasitárias

EDIÇÃO VII

Capítulo 1

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE LEISHMANIOSE CUTÂNEA

LÍGIA LUANA FREIRE DA SILVA¹
LUANA MENDES DOS SANTOS²
TAINARA VILANI³
ANA CAROLINA ROSA DE ALMEIDA⁴
NICOLE GABRIEL GIUZILINI⁵
BRUNA APARECIDA PIRES SALGADO⁶
REBECA ALVES BELO⁷
EDUARDA CAROLINE FERREIRA BATALHA⁸
RAFAELA DEL PICCOLO CAMPOS⁵
LAIS DELGADO SALTARA⁹
HELOÍSA BELINATI PEREIRA PEREZ¹⁰
RAFAELLA TEIXERA MARQUES⁵
LAURA SILVA DE CARVALHO QUININTO⁷

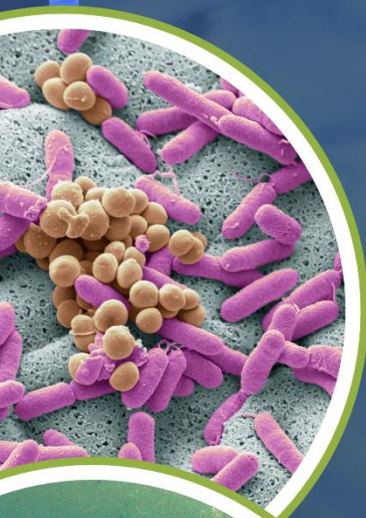
1. Discente - Universidade Nove de Julho.
2. Discente - Universidade de São Paulo.
3. Discente - Universidade Luterana do Brasil.
4. Discente - Universidade Federal Fluminense.
5. Discente - Universidade Santo Amaro.
6. Discente - Universidade Federal de São João Del Rei.
7. Discente - Universidade Cidade de São Paulo.
8. Discente - Faculdade Atenas.
9. Discente - Faculdade de Medicina São José do Rio Preto.
10. Discente - Centro Universitário Ingá.

Palavras-chave

Leishmaniose; Leishmaniose Visceral; Alterações Cutâneas.

DOI: 10.59290/5519422400

EP EDITORA
P PASTEUR



INTRODUÇÃO

A leishmaniose tegumentar americana (LTA) é classificada como uma doença infecciosa negligenciada, prevalente em países subdesenvolvidos, atingindo majoritariamente indivíduos em situação de vulnerabilidade e com acesso limitado aos serviços de saúde. No Brasil, a LTA é uma zoonose de transmissão vetorial de notificação compulsória e apresenta ampla distribuição territorial. Trata-se de uma das dermatoses infecciosas com maior potencial de provocar deformidades permanentes e consequências psicossociais, o que a torna relevante tanto no campo da dermatologia quanto na saúde coletiva. O estigma associado às lesões visíveis interfere diretamente na qualidade de vida, autoestima e integração social dos pacientes.

O objetivo do artigo foi descrever o perfil epidemiológico da leishmaniose cutânea no Brasil, considerando distribuição geográfica, características sociodemográficas e evolução temporal dos casos no período de 2019 a 2023.

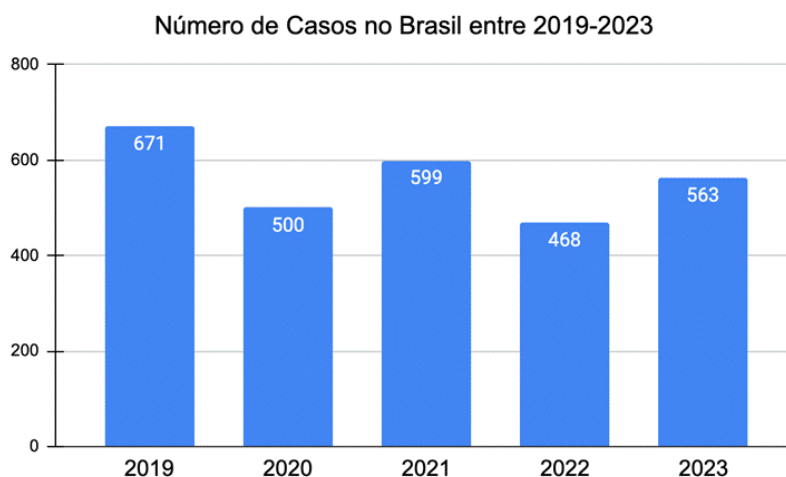
MÉTODOS

Estudo descritivo e exploratório com abordagem quantitativa, baseado na análise de dados secundários obtidos no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), disponível no portal DATASUS - Tabnet Linux: 2.4. Foram selecionadas variáveis como faixa etária, sexo, cor/raça e região de residência. Os dados foram organizados em gráficos e tabelas para facilitar a análise e interpretação.

RESULTADOS

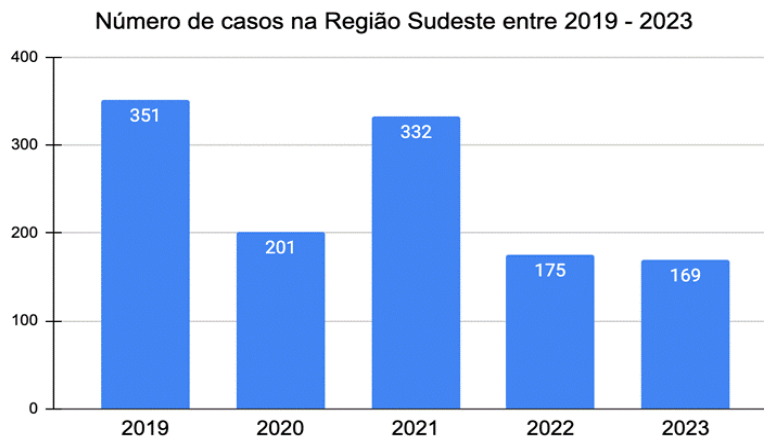
A análise evidenciou maior concentração de casos nas regiões Sudeste e Nordeste, seguidas pelas regiões Norte e Centro-Oeste, sendo o Sul a área de menor incidência (**Gráfico 1.1**). Essa distribuição evidencia disparidades regionais, provavelmente influenciadas por fatores como clima, cobertura vegetal, presença do vetor e condições socioeconômicas. A região Sudeste, apesar de urbanizada, ainda apresenta bolsões de pobreza e áreas rurais propícias à transmissão (**Gráfico 1.2**).

Gráfico 1.1 Distribuição dos casos no Brasil, entre 2019 a 2023



Fonte: DATASUS.

Gráfico 1.2 Distribuição dos casos na Região Sudeste, entre 2019 a 2023

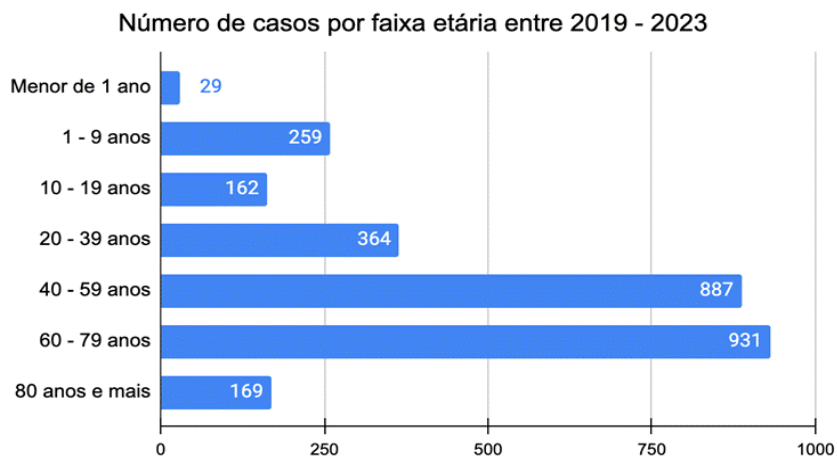


Fonte: DATASUS.

Em relação à faixa etária, observou-se maior incidência entre 40-59 e 60-79 anos, indicando maior vulnerabilidade entre adultos e idosos.

Tal padrão pode estar associado a atividades laborais que envolvem exposição ao vetor, especialmente em áreas rurais e de mata, como agricultura, pecuária e extrativismo (**Gráfico 1.3**).

Gráfico 1.3 Distribuição dos casos por faixa etária, entre 2019 a 2023

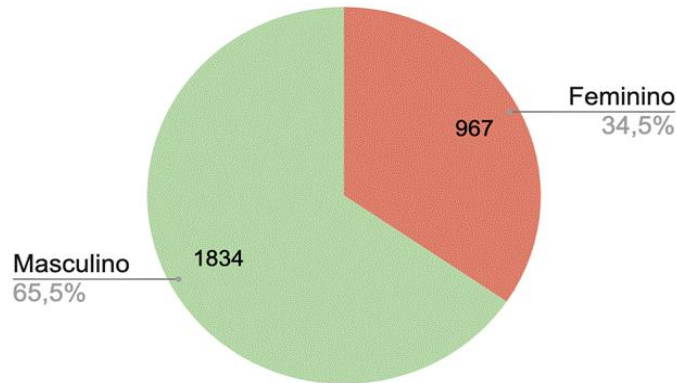


Fonte: DATASUS.

Quanto ao sexo, a predominância de casos entre homens reforça a hipótese de que a ocupação e os hábitos de exposição ao ambiente natural são determinantes importantes (**Gráfico 1.4**). Homens estão mais frequentemente envolvidos em atividades externas de risco, o que os torna mais suscetíveis à picada do flebotômio.

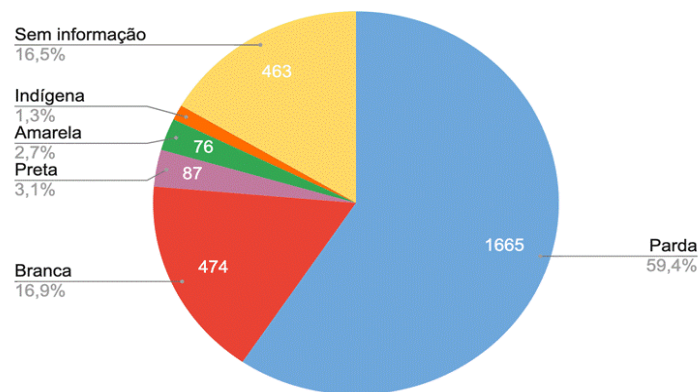
No que tange à cor/raça, os dados revelam que pessoas pardas apresentaram maior incidência, o que pode refletir desigualdades sociais persistentes no Brasil (**Gráfico 1.5**). Essa população, em sua maioria, reside em áreas periféricas, com menor acesso a serviços de saúde, saneamento e educação, o que contribui para a perpetuação do ciclo da doença.

Gráfico 1.4 Distribuição dos casos por sexo, entre 2019 a 2023



Fonte: DATASUS.

Gráfico 1.5 Distribuição dos casos por raça, entre 2019 a 2023



Fonte: DATASUS.

A evolução temporal dos casos apresentou picos em 2019, 2021 e 2023, com redução em 2020 e 2022 (**Gráfico 1.6**). A queda em 2020 pode estar relacionada à pandemia de Covid-19, que desviou recursos e atenção dos serviços de vigilância e controle de endemias, além de prejudicar a capacidade de diagnóstico e o acesso à atenção básica. A retomada do crescimento em 2021 e 2023 reforça a fragilidade dos programas de controle, especialmente em contextos de instabilidade política e econômica.

DISCUSSÃO

A análise do perfil epidemiológico da LTA no Brasil revela padrões consistentes que refletem não apenas a dinâmica biológica da doença,

mas também as desigualdades sociais e regionais que influenciam sua distribuição e impacto. A predominância de casos em homens, especialmente na faixa etária de 20 a 39 anos, e a concentração em áreas rurais e de baixa escolaridade indicam que fatores ocupacionais e socioeconômicos desempenham um papel crucial na exposição ao vetor e no acesso ao diagnóstico e tratamento adequados.

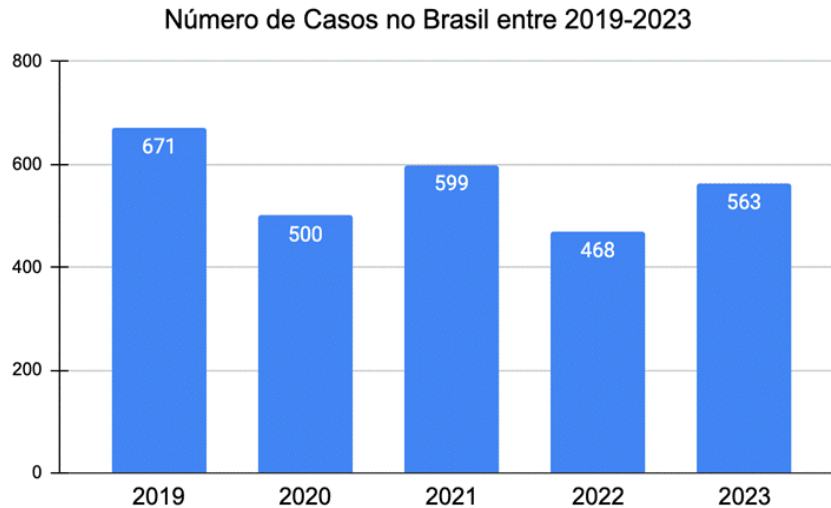
Fatores determinantes e condições de vulnerabilidade

A alta incidência de LTA nas regiões Norte e Nordeste está intimamente ligada às condições ambientais e socioeconômicas dessas áreas. O desmatamento, a expansão da fronteira agrícola e a urbanização desordenada favorecem

a proliferação do vetor, o flebotomíneo, e aumentam o contato entre humanos e reservatórios animais. Além disso, a falta de infraestrutura

ra básica, como saneamento e acesso a serviços de saúde, contribui para a manutenção da transmissão da doença.

Gráfico 1.6 Distribuição dos casos por raça, entre 2019 a 2023



Fonte: DATASUS.

Estudos recentes destacam que a LTA afeta predominantemente indivíduos de cor parda e preta, com baixa escolaridade, refletindo as desigualdades raciais e educacionais no Brasil. Esses fatores estão associados à maior vulnerabilidade, tanto pela dificuldade de acesso a informações sobre prevenção quanto pela menor procura por serviços de saúde devido a barreiras econômicas e geográficas.

Impacto da pandemia de Covid-19

A pandemia de Covid-19 teve um impacto significativo nas estratégias de controle da LTA. A priorização de recursos para o enfrentamento da pandemia resultou na redução das atividades de vigilância e controle de doenças endêmicas, incluindo a LTA. Isso pode ter contribuído para o aumento de casos em 2021 e 2023, evidenciando a necessidade de políticas públicas que integrem o controle de doenças emergentes e endêmicas, garantindo a continuidade das ações de saúde pública.

Estratégias de controle e prevenção

Para enfrentar os desafios impostos pela LTA, é essencial adotar uma abordagem integrada que envolva ações de vigilância epidemiológica, controle do vetor, educação em saúde e melhoria das condições de vida da população. A implementação de programas de controle ambiental, como o manejo adequado de resíduos e a eliminação de criadouros do vetor, é fundamental. Além disso, a capacitação contínua de profissionais de saúde e a promoção de campanhas educativas podem aumentar a conscientização da população sobre as formas de prevenção.

A utilização de tecnologias geoespaciais para monitorar a distribuição da doença e identificar áreas de risco pode otimizar as ações de controle, permitindo uma resposta mais rápida e eficaz. A colaboração entre diferentes níveis de governo e a participação comunitária são essenciais para o sucesso dessas estratégias.

CONCLUSÃO

A análise do perfil epidemiológico da leishmaniose cutânea no Brasil entre 2019 e 2023 revela um cenário de desigualdades regionais e sociais, com maior prevalência da doença em homens pardos entre 40 e 79 anos, residentes nas regiões Sudeste e Nordeste. A evolução temporal irregular e os efeitos da pandemia de Covid-19 reforçam a fragilidade dos sistemas de vigilância e controle.

A leishmaniose cutânea continua sendo um desafio de saúde pública no Brasil. A atuação governamental deve ser fortalecida com medidas sustentáveis baseadas em dados qualificados e em ações intersetoriais, visando à promoção da equidade em saúde. É urgente garantir a melhoria da notificação, vigilância ativa, educação continuada de profissionais e o envolvimento das comunidades afetadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCANFÔR, K.C.M. *et al.* Perfil epidemiológico dos casos notificados de leishmaniose tegumentar americana em Porto Nacional no período de 2018 a 2022. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 6, p. 31739, 2023. doi: 10.34119/bjhrv6n6-398.

ALENCAR, B.F.P. & FIGUEIREDO, I.A. Perfil epidemiológico dos casos de Leishmaniose Tegumentar Americana no estado do Maranhão no período de 2015 a 2017. *Revista de Investigação Biomédica*, v. 10, p. 243, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia de vigilância em saúde: volume único. Brasília: Ministério da Saúde, 2019.